

NARRATIVAS EM CENA

Narrativas em Cena é um conjunto de trabalhos desenvolvidos pelos residentes do segundo ano de Psiquiatria – disciplina de Psicoterapia – do programa da Escola Municipal de Saúde / Secretaria Municipal de Saúde de São Paulo (SMS-SP), sob coordenação de Claudia Abreu.
clauabreu@hotmail.com

Trabalho Psicoterapia

(Birdman)

Leonardo Manzano

Era por volta das cinco horas em uma tarde de outono na metrópole americana. Eu, com meus quarenta e cinco anos, grisalho, aguardava o próximo paciente. Durante anos como psiquiatra vira coisas das mais excêntricas. Aquela, foi a maior de todas.

Um homem de seus um e oitenta, calvo, nariz romano e pele rosada. Fitou meus olhos e perguntou:

- Doutor Manzano? Assenti.

Adentrou em meu consultório e se deitou em meu divã, o que facilitou a mistura de meu acesso de riso com estranheza. Abriu seus braços e acomodou suas asas em torno de seu tórax. Não. Você não leu errado, caro leitor. Um homem vestido de pássaro jazia em meu consultório.

Em um fragmento de segundos já comecei a presumir diagnósticos. Psicose. A consulta havia de começar. Não sabia por onde. Não mudamos a tática principalmente quando somos surpreendidos. Pasmado, fui do bom e velho:

- Muito prazer, qual o seu nome?

- Birdman – Lacônico.

- Como foi o caminho até aqui, muito trânsito? (usava esse artifício para quebrar o gelo em consultas corriqueiras).

- Como podes ver, tenho asas. Vim voando.

Pior do que eu imaginava, refleti. Além de psicótico, ele estava delirando. Seria um F20? É de praxe caracterizar pacientes pelo seu CID. Péssimo hábito, eu diria. Esquizofrenia, traduzindo. Uma esquizofrenia tardia que teve quebra por algo na vida desse homem. Preciso averiguar.

- Entendo. Como posso te ajudar?

- Olha, doutor, vou ser bem sincero. Venho aqui por pressão dos meus amigos. Definitivamente não entendo o porquê. Fui um ator renomado. Entrei no ostracismo e percebi que o personagem que interpretei há anos, era minha forma de voltar aos holofotes.

Um lapso de fulgor? Certamente. Eu seria mais um que cairia em sua encenação. Sabia ele que não era o Homem-Pássaro? Ou era uma forma de amenizar e driblar uma prescrição de antipsicóticos? Encontrava-me totalmente confuso.

- Entendo. Mas você tem superpoderes?

- Aprendi a voar. – em tom de voz beirando a ironia. – Desde que decidi ser o que fui designado a fazer, desenvolvi certas habilidades.

- Certo – conclui confuso.

Seria o momento de explorar a vivência do paciente? Talvez não. Estava engessado em minhas regras. Perguntei idade, religião, profissão e se era casado ou não, como pressupõe uma boa anamnese inicial. Respondeu a todas as perguntas com muita naturalidade e o tom anteriormente sarcástico deu lugar a uma fala sombria e triste.

- Sabe o que eu não aguento, doutor. Todos me acham ridículo. Ninguém reconhece meu valor à sociedade.

- E qual é esse valor? Você é um super-herói?

- Não. Não tenho tamanha pretensão. Mas uso meus poderes para salvar pessoas.

Contou-me sobre um incêndio que salvara duas crianças indefesas. Chorou ao falar sobre suas inseguranças e como sofria “bullying” dos colegas. Após uma hora de consulta não restava dúvidas. Não sabia qual diagnóstico, porém a psicose era evidente. Peguei meu receituário e iniciei a prescrição.

- Não vou tomar medicamentos, doutor. Não há nada de errado comigo.

- Sr. Birdman. Acredito que esses medicamentos possam te ajudar. Preciso que confie em mim.

- Você é como todos os outros! Acredita que estou maluco! Passar bem.

Foi quando previ um momento trágico. Levantou-se, foi até a janela que se encontrava aberta e ficou no parapeito do décimo primeiro andar.

- Senhor Birdman! O que está fazendo?

- Adeus, Doutor Manzano!

Pulou.

Uma fração de tempo e um nó na garganta me sufocou. Que tragédia! Seria a estampa do jornal no outro dia. Minha carreira estava encerrada. Meu Deus! Um homem acabou de cometer suicídio e estou pensando em minha carreira? Que espécie de psiquiatra eu sou?

Olhei para o horizonte. O sol ofuscou brevemente a imagem que interrompeu todos meus pensamentos. Ao longe, um homem pairava sobre as nuvens batendo suas asas. Esfreguei meus olhos e olhei para baixo pela janela. Nada fora do comum.

Fui até minha mesa e peguei o interfone.

- Roberta?

- Sim, doutor.

- Pode chamar o paciente das 18 horas.

- Pois não.
- Ah, faça mais um favor. Ligue para o Dr. Rafael, e marque uma consulta psiquiátrica para um paciente.
- Qual paciente, Doutor?
- Leonardo Manzano.

COMO CITAR ESTE TEXTO

Manzano,L. (2019) Trabalho Psicoterapia - Narrativas em Cena (Encarte Especial). **Pathos: Revista Brasileira de Práticas Públicas e Psicopatologia**, 10 (3), 75-77.

Entrevista-paciente

(Cisne Negro)

Cláudia Ketter

A paciente (Nina Sayers) entra no consultório, acompanhada da mãe (Erica), na UBS Vila Romana para a primeira consulta com psiquiatra. Na semana anterior, passaram pelo acolhimento da saúde mental e a assistente social solicitou a vaga de atendimento. A mãe queria um acompanhamento psicoterápico para a filha, por estar passando por um “momento de estresse”. No prontuário, a assistente social descreve o acolhimento, evidenciando sinais de: “possível depressão? *Skinpicking?*”.

Nina tem 28 anos, é bastante magra e delgada, bailarina profissional e mora com sua mãe, Erica.

Cláudia: Boa tarde. Meu nome é Cláudia, sou residente de psiquiatria e vou fazer o atendimento hoje! Contem um pouco sobre o que trouxe vocês a procurar uma consulta.

Nina: (sem fazer contato visual, olhando para o chão) Nem sei ao certo!

Mãe: (gesticulando bastante) Eu que quis trazê-la! Ela está passando por muito estresse agora com a escolha do papel principal de o “Lago dos Cisnes”. Sempre foi muito talentosa, minha Nina, perfeccionista! Sabe, eu também era bailarina profissional, então sei reconhecer o talento da minha filha! Mas sinto que desta vez o estresse está sendo demais e ela precisa estar bem para dar conta de tudo!

Cláudia: Você está se sentindo sob muito estresse, Nina? Como está sendo esse processo todo na sua visão? Você concorda com a sua mãe?

Nina: Ah... acho que sim. É um ambiente bastante competitivo. Temos sempre que estar perfeitas... mas nada demais.

Mãe: Mas desta vez tá bem pior, né filha? Você não tem dormido bem, tem arrancado essas pelezinhas dos dedos... ai! Que aflição que me dá ver essa sua mão toda vermelha nos cantinhos! Isso ela não fazia, viu doutora? Agora, fica se machucando e arranca pelezinhas, às vezes, até sangrar!

Cláudia: Quanto tempo que isso tem ocorrido, Nina?

Nina: (olhando para as mãos, suspira) Nem sei. Não percebo quando começo arrancar. Só percebo quando já sai sangue.

Cláudia: E você não tem dormido bem?

Nina: Ando mais cansada e com muita coisa na cabeça.

Cláudia: Conte-me mais como está sendo esse processo de seleção para o papel de “O Lago dos Cisnes”?

Nina: Não tem muito o quê contar. É uma peça nova e todas as bailarinas estão dando duro para conseguir o papel principal. Mas, mesmo se a gente conseguir, não quer dizer que o diretor vai nos manter a temporada toda, depende da nossa performance (suspira). Ele quer perfeição.

Cláudia: E como isso tudo faz você se sentir?

Nina: Ansiosa... mas sempre foi assim, não é nada novo!

Cláudia: Além de ansiedade, tem sentindo mais o quê?

Nina: (abre a boca para falar, hesita, fecha os olhos) Acho que só isso!

Mãe: Ela é muito fechada, doutora. Não tem amigos, nunca namorou. Isso me preocupa também! Ela não vai se abrir com a mãe, eu sei! E olha que eu tento! Fico angustiada com ela assim!

Nina: Já falei que não precisa se preocupar mãe!

Mãe: Claro que eu preciso! Se você não se cuidar, é o seu sonho de ser bailarina principal que não vai se realizar! E daí? Como você vai ficar? Só os cacacos, Nina!

Nina: (olha para a médica, suspira, vira o rosto para a parede e olha o cartaz de vacinação de sarampo) Tá bom mãe!

Mãe: Doutora, sem querer parecer rude, mas a gente tem horário do ensaio da Nina e não podemos atrasar de jeito nenhum! A senhora poderia prescrever algo e nos liberar?

Cláudia: Vamos fazer o seguinte: vou fazer um encaminhamento para vocês marcarem a escuta da Marly, psicóloga. Vou passar o caso para ela. É só ir na recepção e marcar! E gostaria de marcar uma consulta com você, Nina. Só nós duas para conversarmos com calma! Marque um horário que você possa ficar sem hora para sair. Antes de pensar em uma medicação, acho que temos que entender melhor o que está acontecendo.

Mãe: Nem um remédio para dormir, doutora? Nossa, ela precisa dormir para os ensaios! E eu não posso vir junto na consulta?

Cláudia: Dona Erica, prefiro que, na próxima consulta, eu converse com a Nina sozinha. Acho importante e ainda não vou medicar ela. Alguma dúvida meninas?

Mãe: Não, ok (com uma expressão perplexa).

Nina: (acena com a cabeça afirmativamente, forçando um sorriso amarelo sem mostrar os dentes)

COMO CITAR ESTE TEXTO

Ketter, C. (2019) Entrevista-paciente - Narrativas em Cena (Encarte Especial). **Pathos:** Revista Brasileira de Práticas Públicas e Psicopatologia, 10 (3), 78-80.

Entrevista com Melvin

(Melhor é Impossível)

Rosenildo Silva

Psiquiatra: Olá, qual seu nome?

Paciente: Melvin.

Psiquiatra: Como você está Melvin?

Paciente: Sinto-me ótimo, obrigado! (responde Melvin enquanto se esquivava para não ser cumprimentado)

Psiquiatra: Em que posso te ajudar?

Paciente: Na verdade, não acho que esteja precisando de ajuda, mas a Carol insistiu em marcar esta consulta. Por isso estou aqui.

Psiquiatra: Quem é a Carol e por qual motivo ela acha que você precisa desta consulta?

Paciente: É a garçonete do restaurante que almoço todos os dias. Estamos começando um relacionamento, mas ela acha que sou doente. Na verdade, percebo que todos me veem como uma pessoa estranha.

Psiquiatra: Entendi! Você poderia me explicar melhor por que as pessoas te acham estranho?

Paciente: Na verdade, eu não me importo nem um pouco com o que as pessoas acham, eu também acho elas estranhas e sujas (diz sussurrando), mas me importo com a Carol, pois percebo que ela também se importa comigo e, mesmo me achando doente, tenta entender as minhas manias.

Psiquiatra: E quais seriam essas manias?

Paciente: Costumo ser precavido, o mundo anda cheio de bactérias e microrganismos prontos pra nos transmitir doenças, e as pessoas querem viver como se eles não existissem, mas eu sei que eles estão por toda parte. Por isso costumo ser cuidadoso.

Psiquiatra: Quais seriam esses cuidados?

Paciente: Costumo cuidar da higienização das minhas mãos, lavo algumas vezes e também uso luvas quando acho necessário, para evitar contaminação. Levo meus próprios talheres descartáveis ao restaurante, pois não sei como foram higienizados os de lá. Para mim, são medidas simples. Não entendo o que tem de errado nisso!

Psiquiatra: Ok! Percebi o uso das luvas quando você entrou no consultório. Além desta mania de higiene, tem mais alguma coisa que você faz que incomode à Carol ou outras pessoas?

Paciente: Ela se incomoda um pouco quando confiro se a porta está fechada e as luzes apagadas.

Psiquiatra: E como você costuma fazer essa conferência?

Paciente: Normal! Só gosto de checar mais de uma vez para me certificar. Porque, como eu disse, sou uma pessoa precavida.

Psiquiatra: Quantas seriam “mais de uma vez”?

Pacientes: Quat... (fala por entre os dentes)

Psiquiatra: Desculpe não entendi!

Paciente: Quatro vezes!

Psiquiatra: Certo! E, em lugares públicos, você tem algum ritual? Além do uso de luvas?

Paciente: Não considero um ritual, mas não gosto de pisar em listras e costumo pedir para as pessoas não tocarem em mim – se percebo uma aproximação ameaçadora. Afinal, não sou obrigado a gostar de ter estranhos me tocando.

Psiquiatra: Melvin, há quanto tempo você tem esse comportamento? Ou, como você diz: essas medidas de precaução?

Paciente: Não me lembro, exatamente, mas acho que me tornei mais consciente da necessidade de autocuidado por volta dos meus 20 anos, quando comecei minha carreira de escritor.

Psiquiatra: E você acha que, de alguma forma, esses hábitos têm atrapalhado no seu dia a dia?

Paciente: Sinceramente, não vejo porque atrapalharia. Minha organização só me ajuda com o meu trabalho, pois trabalho em casa e gosto de ter o meu ambiente sob meu controle.

Psiquiatra: E em relação ao convívio social, você acha que seu comportamento te prejudica?

Paciente: Não sei, não faço questão de ter ninguém por perto. Gosto da minha rotina e do meu trabalho, não preciso que as pessoas gostem de mim não sou obrigado a agradá-las. Como eu disse anteriormente, percebo que elas me acham estranho, mas não me importo com isso.

Psiquiatra: E com relação a sua namorada?

Paciente: Sim! Percebo que ela se incomoda bastante, e sinto que ela está tentando me ajudar, embora eu ache que não precise, mas estou aqui pra tentar melhorar. Ela me pediu isso e por isso pretendo me esforçar. No momento, a opinião dela é a única que importa pra mim.

Psiquiatra: Isso tem te causado algum sofrimento?

Paciente: Sempre achei que não, mas, ultimamente, depois de começar a tentar mudar, vejo que sim. Sinto que é mais forte que eu e que, apesar de eu estar adaptado aos meus costumes, hoje, eles me dominam.

Psiquiatra: Você já fez algum tratamento?

Paciente: Ah, pouco mais de dois anos, após passar em outro psiquiatra, iniciei um tratamento com terapia e uso de medicamentos, mas, como já disse, nunca achei que isso fosse um problema. Por isso eu não via sentido em ficar me enchendo de remédios e nem falando da minha vida para um terapeuta.

Psiquiatra: E, hoje, qual a sua expectativa com relação ao tratamento?

Paciente: Bem, não sei exatamente aonde isso vai dar, mas, como falei anteriormente, vou tentar.

COMO CITAR ESTE TEXTO

Silva, R. (2019) Entrevista com Melvin - Narrativas em Cena (Encarte Especial). **Pathos:** Revista Brasileira de Práticas Públicas e Psicopatologia, 10 (3), 81-83.

Primeira entrevista em consultório

(Brilho eterno de uma mente sem lembranças)

Leonardo Juliani

“Bom dia. Prazer, Leonardo” – Enquanto aponto a cadeira, digo-lhe para que fique à vontade. Joel apenas senta-se. Ensimesmado, olhar baixo e posição acorcondada na poltrona. Nitidamente acanhado, como se qualquer lugar do mundo fosse melhor do que aquele. Ainda com olhar baixo e por vezes passando por algum ponto imaginário atrás de mim, conta que havia passado por desilusão amorosa e encontra-se perdido: “não me reconheço mais”. Juntamente a isso, diz de um inédito e surpreendente desejo de começar a se “conhecer melhor e entender melhor a forma como encara esse momento tão pesaroso”. Não há momentos, durante toda a conversa, em que Joel se desloque dessa tensão e atitude desconfiada. É como se tivesse que manter a certa distância de uma fera que o espreita. Reflete em voz alta: “é mais difícil do que pensava conversar com terapeuta”. Ele se limita a descrever o momento atual, sem aprofundar prosa sobre o passado mais distante. Angustiado, com “aperto no peito e na garganta”, fala de modo engasgado sobre o término de um relacionamento que, além de ter sido o mais importante, foi o único que teve. Verbaliza sem receio: “jamais acharei outra Clementine”. Mais de uma vez, marca que não consegue iniciar nem manter relações com estranhos (na verdade, com a maioria dos familiares também). Clementine teria sido, diz ele, “caso fortuito”, de “pura sorte mesmo” e que a “derrota foi tenebrosa”. Por minutos em silêncio, ergue timidamente a cabeça para o primeiro contato olho no olho, levanta-se mais firme do que quando se sentou e diz: “voltarei na próxima semana”.

COMO CITAR ESTE TEXTO

Juliani, L. (2019) Primeira entrevista em consultório - Narrativas em Cena (Encarte Especial). **Pathos: Revista Brasileira de Práticas Públicas e Psicopatologia**, 10 (3), p.84.

Psicoterapia

(Ilha do medo)

Rafael de Abreu Ferreira

Apresentações de caso, palestras sobre as novas medicações recém-liberadas pelo FDA, mesas redondas... Creio que o cenário esteja estabelecido. Resolvi vir para o congresso da *American Psychiatric Association* (APA) em Boston, Massachusetts.

Após alguns *coffee breaks* nos saguões do hotel, precisava de um intervalo daquele ar carregado, típico de um ambiente fechado e repleto de humanos. Por que não aproveitar o ar fresco de um final de tarde de outono? Um vento um pouco mais frio talvez recarregue as minhas energias.

Subo ao terraço do hotel, para também poder apreciar a vista da cidade. Ao chegar, deparo-me com um deslumbrante pôr-do-sol alaranjado, com poucas nuvens, suficientes para refletir aqueles últimos raios de sol.

Por alguns instantes, fico absorto em meus pensamentos, suspenso da realidade dos arredores, mas, rapidamente, sou puxado à terra.

“Enjoado daquele ar tóxico?”, pergunta uma voz cansada de um homem de mais idade.

Olho para o lado e vejo um homem velho, chuto já ter seus 90 anos, debruçado sobre o parapeito que cerca o terraço. Perigosamente debruçado? Ao me aproximar, noto que esteve chorando. “Perigosamente debruçado” reverbera em minha mente.

“Não diria tóxico”, suavizo, “mas, sim, enjoiei daquele ar carregado”.

Estendo-lhe a mão: “me chamo Rafael, prazer em conhecê-lo!”.

“Rafael...” repete, rolando cuidadosamente cada sílaba pela língua.

“Lester Sheehan, o prazer é todo meu”. Não ressoa, mas era perceptível que ele estava se esforçando. “Pelo jeito, você não é daqui. Sem querer ser rude, mas de onde você vem?”.

“De forma alguma, sou brasileiro. O que me entregou? Minha aura latina?” provoco.

Para a minha surpresa, um sorriso aparece pelo canto da boca: “Certamente não foi o seu sotaque”, retribuiu a provocação.

“Bom, mas sem querer ser rude, não pude deixar de notar que o senhor esteve chorando e debruçado sobre o parapeito de uma forma pouco convencional, devo me preocupar?”, tateio pela situação delicada materializada diante de mim.

“Não...” responde suspirando, resignado. “Você não está sendo rude. Creio que seja a nossa função como psiquiatras, não?” – sorri quando percebe a minha surpresa.

“Os iguais se reconhecem. Passamos a vida fazendo perguntas sobre os sentimentos e pensamentos de nossos pacientes. Com o tempo passa a ser como o respirar para nós...”.

“Mas devo me preocupar?”, insisto.

“Depende...” dá com os ombros. “Realmente não vim para cá para fugir do ar tóxico ou refletir sobre os erros do meu passado e sobre aqueles com os quais falhei.”

“Temia por isso...” e, de súbito, me lembro: “Dr. Lester Sheehan! Creio que o senhor fora citado em um dos relatos de hoje, não? O senhor e outro colega, Caw-alguma coisa...”.

“Cawley, Dr. John Cawley”, responde com surpresa pela repentina mudança do teor da conversa, mas com um sorriso, embora ainda cansado e abatido.

“Isso, Dr. John Cawley, obrigado. Aquela tentativa terapêutica de *roleplay* que vocês realizaram foi extraordinária!”, digo com genuíno entusiasmo.

“Um fracasso extraordinário”, corrige. Dr. Sheehan, puxando o tom para a terra, e continua: “aquele paciente veio até mim, trazido pelos colegas da polícia, por ter matado sua esposa após ela ter afogado seus três filhos em um lago. Um homem sem mais nada, sem chão, quebrado ao ponto de perder a própria realidade e criar uma substituta.”.

“Sinto muito”, digo, após ouvir o esbaforido desabafo. “Deve ter sido frustrante fazer tudo aquilo para, no final, recorrerem a uma básica lobotomia”.

“Um homem com um universo interior tão rico, repleto de vivências incríveis, testemunha dos horrores da Segunda Guerra, transformado em uma casca vazia!”. Após a explosão, retoma a resignação...

“E foi por esta falha que o senhor resolveu subir neste terraço e dar um fim à própria vida?”. Sou um pouco mais direto.

Dr. Sheehan fecha os olhos, engole em seco e balança a cabeça. “Não, creio que nos acostumemos com as nossas falhas conforme envelhecemos”. Pausa, lança um olhar, algo acusatório para a minha juventude e retoma: “Apesar de ter sido um experimento de décadas atrás, ainda não consegui me perdoar justamente por crer não haver falhado no tratamento, mas sim em entender este meu paciente”.

“Como assim?”, pergunto surpreso.

“É isso mesmo. Creio que o método do Dr. Cawley, que se tornou uma chacota no meio psiquiátrico, tenha funcionado”.

Após uma breve pausa, vendo o meu silêncio digestivo, continua: “falhamos em tentar compreender a dor daquele homem. Momentos antes de seguir para a lobotomia, ele me perguntou o seguinte: ‘será que é melhor viver como um monstro ou morrer como um homem bom?’, e esta pergunta tem ecoado em minha mente desde então”.

“Hum. Então o senhor acha que ele preferiu ser lobotomizado a viver sem aquela ideiação delirante que o protegia da realidade?”.

“Sim”, responde com certa expectativa, aguardando para que eu continue.

“Se foi uma escolha dele, por que o senhor se culpa tanto? O que o senhor gostaria de ter feito de diferente?”.

“Persistir no erro! Dr. Cawley desistiu dessa sua linha, abraçou a abordagem cirúrgica da neurologia, dissolveu as chacotas a seu respeito, mas acabou se suicidando há alguns anos, deixando para mim uma carta com seus arrependimentos e motivações”. Parou para respirar, tentando se acalmar um pouco. “Depois disso e de muita reflexão, penso diariamente nesta alternativa, a única que realmente me ocorre”.

“Quando assisti ao Dr. Jeremiah Naehring exaltando a lobotomia feita neste paciente, em um vídeo gravado alguns anos após o procedimento, orgulhoso daquela casca que havia ajudado a criar, não pude deixar de lamentar que a sua abordagem tivesse falhado. Agora, descubro que não falhou e encontro o senhor lamentando pelo sucesso. O senhor acredita que causou mais dor ao paciente ao tirá-lo do delírio, obrigando-o a lidar com a realidade?”.

“Ele construiu um intrincado delírio para se proteger da horrível realidade que recaiu sobre si e, apesar de acertarmos em seu tratamento e tirá-lo efetivamente daquele estado delirante, erramos em compreender o porquê da existência daquele magnífico mecanismo de defesa. Creio que não é à toa que o Dr. Naehring parecia insistir neste tema de mecanismo de defesa nas nossas discussões sobre o caso e com o paciente. Talvez ele tenha entendido o nosso paciente melhor que nós mesmos e soubesse qual era a melhor forma de tratá-lo ou, pelo menos, o que precisava ser tratado. Uma lição que me custou uma vida para aprender, mas que se não fosse extremamente teimoso, poderia ter aprendido há muitas décadas. Todos aqueles pacientes que vieram depois...”.

Dr. Sheehan pausa de súbito, abre um sorriso que finalmente parece ressoar. “Obrigado, meu jovem! Vamos, vou lhe pagar um *whisky* para que continuemos a nossa conversa em um local mais apropriado, com maior conforto. Já sou muito velho e este vento não vai me fazer bem”.

Entramos, fomos ao bar do hotel, bebemos *whisky* e seguimos conversando sobre diversos assuntos madrugada a dentro. No dia seguinte, acordo com uma leve ressaca e recebo a notícia de que o Dr. Lester Sheehan havia se atirado do terraço do hotel.

COMO CITAR ESTE TEXTO

Ferreira, R. A. (2019) Psicoterapia - Narrativas em Cena (Encarte Especial). **Pathos**: Revista Brasileira de Práticas Públicas e Psicopatologia, 10 (3), 85-88.

TRABALHOS RECEBIDOS EM: 30/06/2019.
TRABALHOS APROVADOS EM: 02/11/2019.